

Almanaques do Amazonas (1870 a 1927): impressões de um tempo

Almanacs of the Amazon (1870 to 1927): impressions of a time

Rômulo N. Pereira, Washington Dias Lessa, Lígia Medeiros

Almanaques, memória gráfica brasileira, sociedade e cultura, história do design gráfico, Amazonas

Este trabalho propõe o registro e a organização de dados sobre os almanaques relativos ao Amazonas e se relaciona com uma pesquisa maior que trata dos artefatos impressos dessa localidade, de 1851 a 1930. Compõe-se do levantamento de informações editoriais, gráficas e outras observações advindas da leitura dos almanaques. Este conjunto de dados nos fornece uma perspectiva do desenvolvimento do circuito da atividade gráfica e sua cultura, que não é apenas impressa e na qual se acredita perceber uma maior especialização da comunicação impressa e uma ampliação do domínio da informação comercial sobre outras. Nesse sentido percebe-se uma maior complexidade do projeto gráfico dos almanaques, da retórica visual presente nos anúncios e o maior emprego da imagem como indícios concretos desse movimento e também um retrato, ou representação, da sociedade da qual estes artefatos organizavam informações e, em certa medida, a vida.

Almanacs, brazilian graphic memory, society and culture, graphic design history, Amazonas

This work proposes the registration and organization of data on the almanacs related to the Amazonas and is associated to a larger research that deals with the printed artifacts of that locality, from 1851 to 1930. It is composed of the information collection editorial, graphic and other observations taken from reading almanacs. This set of data gives us a perspective on the development of the graphical activity circuit and its culture, which is not only printed, but also in which we perceive a greater specialization of printed communication and an the domain expansion of commercial information over others. In this sense, a greater complexity of the graphic design of the almanacs, in the visual rhetoric present in the ads, and the greater use of the image are concrete indications of this movement and also a portrait, or representation, of the society from which they organized information and, to a certain extent, life.

1 Ao leitor, ou uma introdução

O presente artigo organiza-se segundo um duplo objetivo, primeiro o de levantar e registrar um conjunto específico de artefatos impressos publicado ou que tenham o Amazonas como objeto – os almanaques. A outra finalidade busca organizar e estudar características gráficas e editoriais não como um produto técnico isolado, mas como um veículo no qual se percebe anseios, disputas, representações e outros. Um esforço por recuperar e ordenar informações de interesse a um variado número de estudiosos da região e do artefato impresso. Para tanto se buscou o apoio de fontes primárias recolhidas nos acervos da biblioteca do Museu Amazônico, da Biblioteca Pública do Estado do Amazonas, incluindo a Gerência de Acervos Digitais, em Manaus. No Rio de Janeiro, a biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil e o acervo digital da Biblioteca Nacional. Outras buscas foram feitas em base de dados digitais de universidades nacionais e estrangeiras, no Google Books e outros.

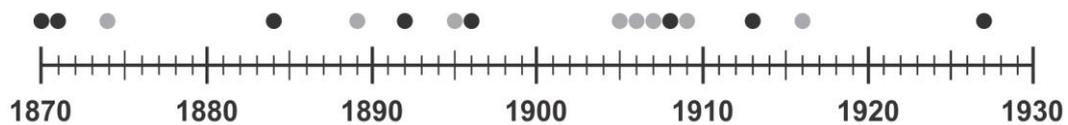
Este trabalho se relaciona com o campo de estudo conhecido por Memória Gráfica Brasileira e, ainda que este esteja em construção (Leschko, 2014), realizou importantes contribuições metodológicas e na recuperação da cultura material e visual brasileira. Os trabalhos de Fonseca (2016), Vilas-Boas (2009) e outros nos auxiliaram no tratamento do objeto de estudo, incluindo orientações sobre registro, descrição e análise do impresso, sempre adaptando segundo o objeto estudado e suas características.

Cabe salientar que este artigo compõe uma pesquisa maior em curso que busca registrar e estudar a cultura impressa do Amazonas, de 1851 a 1930. Nesse período identificou-se 16 almanaques, destes dois referem-se à região do Rio do Madeira, seis são almanaques-brindes e um tem por tema a Força Policial do Amazonas, além de terem variados formatos e extensão.

Constituem, portanto, um conjunto heterogêneo. Onze foram projetados e impressos por empreendimentos gráficos situados em Manaus, dois em gráficas europeias, em dois não se conseguiu precisar o local de sua produção e um estava sem indicação.

Há uma grande descontinuidade na publicação dos almanaques [Figura 1] e percebeu-se uma maior ocorrência deste impresso no período de maior riqueza da região, conhecido como o Ciclo da borracha, de 1890 a 1910, com oito edições. Deste conjunto de dezesseis, onze foram integralmente observados, seja na forma digital ou fisicamente, e são, de fato, os objetos de estudo utilizados. Dos outros cinco o acesso ocorreu a partir de algumas páginas e referências escritas, todas digitais. Não se incluiu anuários e outros impressos sem indicações precisas, como observado no “Prologo” do *Almanach Madeirense*, de 1889. Neste, Manoel Pereira Gonçalves fala das dificuldades e críticas recebidas na realização do primeiro almanaque da região do rio Madeira, que teria sido publicado 1888, do qual ainda não se encontrou outros registros. Do mesmo almanaque encontraram-se registros imprecisos de uma possível edição de 1891, ainda a confirmar.

Figura 1: Distribuição por ano dos 16 almanaques identificados. A variação cromática refere-se à periodicidade dos almanaques, dois tons iguais em sequência são de publicações que foram impressas consecutivamente pelo mesmo estabelecimento. Isso ocorreu em dois momentos, 1870-71 e de 1905 a 1907 (Fonte própria).



Na bibliografia sobre o tema não se encontrou referência a almanaques relativos ao Amazonas. Inclusive os dois primeiros, de 1870 e 1871, parecem terem sido completamente ignorados até hoje, pois não são listados nos trabalhos consultados e em outras fontes. Uma lacuna que se fecha um pouco mais com as informações organizadas e demais dados contidos neste estudo.

2 Cultura de almanaque

Almanack, almanach, almanak e a atual grafia, almanaque, são os títulos que identificam o impresso de periodicidade anual que reúne diversas informações. Associa-se este impresso a dois domínios: o tempo e o conhecimento, organizados segundo demandas de cada lugar e época. Correia e Guerreiro (1986: 44) consideram o almanaque como uma forma importada de algumas cortes orientais. Nestas, astrólogos presenteavam seus soberanos com um conjunto de informações, incluindo indicações dos astros no início de cada ano. Não por acaso um calendário anual se torna parte essencial deste artefato. Possuem tamanho e número de páginas variável, embora sejam mais comuns as edições portáteis. Os almanaques já existiam na forma manuscrita na Idade Média, mas vão prosperar com o advento da tecnologia tipográfica no século XV.

O incunábulo *Almanach Perpetuum* foi o primeiro de seu gênero publicado em Portugal, em 1496, por Abraão Zacuto. No Brasil, a tecnologia tipográfica ensaiou sua introdução em 1747 com o português Antônio Isidoro da Fonseca, aventura logo interdita. Apenas com a fuga da corte de Portugal das tropas de Napoleão, em 1808, foi que a primeira oficina tipográfica pode se instalar em definitivo no Rio de Janeiro. Em 1811, em Salvador na Bahia ocorre a instalação da segunda oficina tipográfica do Brasil, de Manoel Antonio de Silva Serva, a primeira particular. No ano seguinte esta publica o *Almanach para a cidade da Bahia, anno 1812*. Ainda no século XIX outros almanaques se tornaram famosos, como o *Almanak Laemmert* publicado no Rio de Janeiro. Em 1820 há o registro do surgimento da primeira oficina tipográfica do Pará, e somente em 1851, a Typografia de Manoel da Silva Ramos se estabelece na então cidade da Barra, atual Manaus, capital do Amazonas. No livro *Os sucessores de Zacuto* este tipo de edição foi assim definida:

Um almanaque é um guia, um instrumento onde se encontram elementos para a organização do cotidiano. Em primeiro lugar, organiza o tempo, tendo por base um calendário anual. Organiza as actividades, arrumando saberes e indicações úteis para essas actividades. Organiza a colectividade

registrando uma moral e uma cultura proverbiais. Organiza o espaço fornecendo uma imagem clara do universo, tradicionalmente assente na astrologia. Sem perder um sentido original de contagem, a noção de almanaque tenderá a reflectir a ideia de compilação de saberes, em particular destinados a públicos com pouco acesso a outras leituras. (Galvão, 2002: 11).

Caracterizado comumente como sendo uma publicação periódica, o almanaque teria, portanto, uma vida mais efêmera que a de um livro, seja por serem muito manuseados ou por ser descartado pela chegada do almanaque do ano seguinte. Ainda assim, este impresso vai ser o único que muitas famílias possuíam e vão ser guardados como fonte de saber e entretenimento. Aspectos que não passaram despercebidos, por exemplo, durante a Revolução Francesa, em que foi intensamente utilizado de forma propagandística (Andries, 1996: 294). Momento em que se tornaram objetos de censura ou de crítica por parte do governo e meio acadêmico por serem vistos como um instrumento para disseminação inutilidades (Lisboa, 2002: 16). São, sem dúvida, artefatos dotados de importância social, ou como prefere Ferreira (2001: 20), no Brasil, pode-se falar de seu “aspecto civilizador”, ao levar conhecimentos variados a lugares distantes, transitando entre o rural e o urbano e entre classes sociais com desenvoltura.

Nos almanaques a comunicação pode ser pensada nos termos em que Flusser (2007: 93) coloca, como acumulação de informações adquiridas para conferir sentido. Assim, para um viajante estaria visível uma estrutura política, econômica e social de uma localidade na forma de indicações variadas. Da mesma forma buscava ordenar o tempo, ou melhor, as informações acumuladas que conferiam um determinado sentido a essa medida elástica, indicando os astros, signos, santos, datas festivas e outros dados, incluindo os que o leitor quisesse anotar. Inicialmente, pode-se considerar o almanaque ocupando uma posição privilegiada no meio editorial, sendo muitas vezes patrocinado por governos que, assim, buscavam registrar e representar um difuso indicador de desenvolvimento. Ao lado das informações administrativas e políticas, a informação comercial, na forma de indicação de firmas comerciais, profissionais liberais e de anúncios, sempre esteve presente até ganharem o protagonismo nos almanaques-brindes para dar aos seus clientes. No Brasil, como exemplo, tem-se uma crescente popularidade dos chamados almanaques de farmácia, sobretudo no início do século XX. Uma parte literária e recreativa também se faz presente.

3 Almanques do Amazonas

Os dezesseis almanaques identificados foram organizados em uma tabela para fins de registro (Tabela 1), deste conjunto destacou-se os mais significativos impressos segundo suas características gráfico-visuais, organização da informação e importância simbólica. Assim, os almanaques de 1870, 1884, 1895, 1905 e 1913 tiveram uma descrição mais apurada das informações gráficas e editoriais. Também diferentes dados de interesse foram retirados da leitura destes, como as indicações referentes ao circuito das artes gráficas, acrescidas de diversas observações pertinentes para compor um panorama objetivamente resumido.

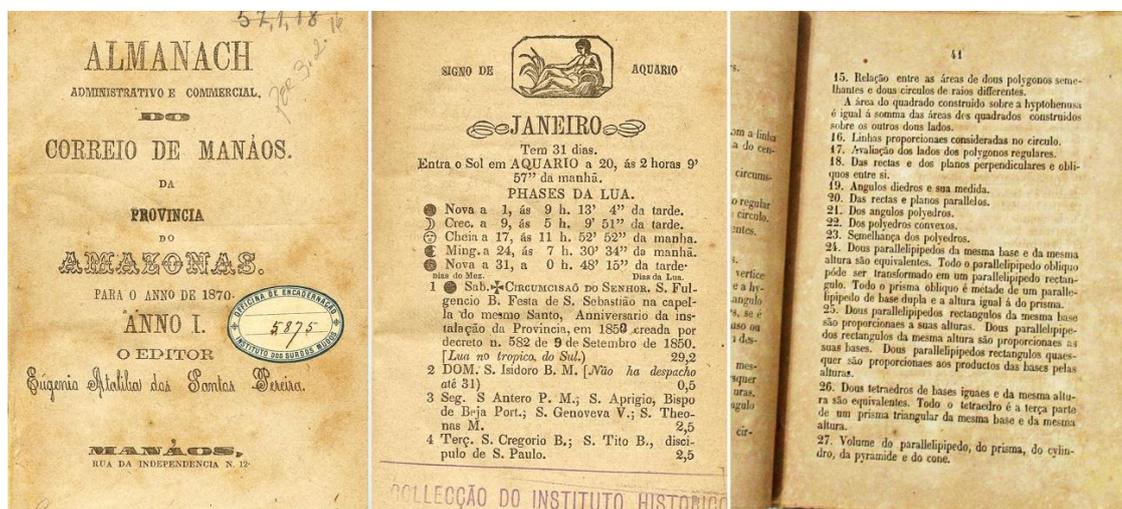
Tabela 1: Almanques do Amazonas, os títulos com asterisco foram parcialmente consultados.

	Título	Ano	Impressão [local e responsável]
1	Almanack Administrativo e Commercial do Correio de Manáos da Província do Amazonas	1870	Manaus, na Typ. do Commercio do Amazonas
2	Almanack Administrativo e Commercial do Correio de Manáos da Província do Amazonas	1871	Manaus, na Typ. do Commercio do Amazonas
3	Almanack Administrativo da Provincia do Amasonas para o anno de 1874	1874	Manaus, na Typ. do Commercio do Amazonas
4	Almanach Administrativo histórico Estatístico e Mercantil da Provincia do Amazonas	1884	Manaus, na Typ. do Amazonas
5	Almanach Madeirense para o anno 1889	1889	Porto (Portugal), na Typ. de Arthur José de Souza & Irmão
6	Almanach Madeirense para o anno 1892*	1892	-
7	Almanach do Amazonas Histórico, administrativo, commercial, estatístico e literário	1895	Manaus, na Typ. do Amazonas

8	Almanach do Amazonas Histórico, administrativo, commercial, estatístico e literário	1896	Manaus, nas Officinas do Diario Oficial
9	Almanach brinde Palais Royal	1905	Manaus, na Palais Royal
10	Almanach brinde Palais Royal	1906	Manaus, na Palais Royal
11	Almanach brinde Palais Royal*	1907	Manaus, na Palais Royal
12	Almanack da Pharmacia Amazonas*	1908	-
13	Almanach brinde Palais Royal*	1909	Manaus, na Palais Royal
14	Almanak Amazonense de 1912-1913	1913	Paris (França), pela Société Générale D'impression. Edição da Empresa do Almanaque Henault (Rio de Janeiro)
15	Almanack Amazonense Paulo	1916	Sem indicação
16	Almanack da força policial do Estado do Amazonas*	1927	Manaus, na Typ. da Imprensa Pública

Em 1870 o *Almanack Administrativo e Commercial do Correio de Manaós da Província do Amazonas* foi organizado pelo editor Eugenio Ataliba dos Santos Ferreira. No texto que abre a edição, intitulado “Ao Leitor”, lê-se sobre a “sensível falta” que um almanaque faz aos visitantes nacionais e estrangeiros que chegam à capital da província. Sua edição inicia com um calendário em que cada mês foi composto em várias páginas, trazendo uma vinheta tipográfica do signo correspondente ao mês, além de informações variadas. O seu conteúdo está organizado em quatro partes: a primeira com o nome da família imperial, ministros, senadores e deputados. A segunda com a organização política, administrativa, judiciária, policial e outras da província do Amazonas, contendo o nome das repartições, cargos e o nome do seu ocupante, tanto na capital quanto nas comarcas do interior. A terceira contém informações comerciais e eclesiásticas. A quarta a relação de nomes dos funcionários aposentados e por fim alguns poucos anúncios.

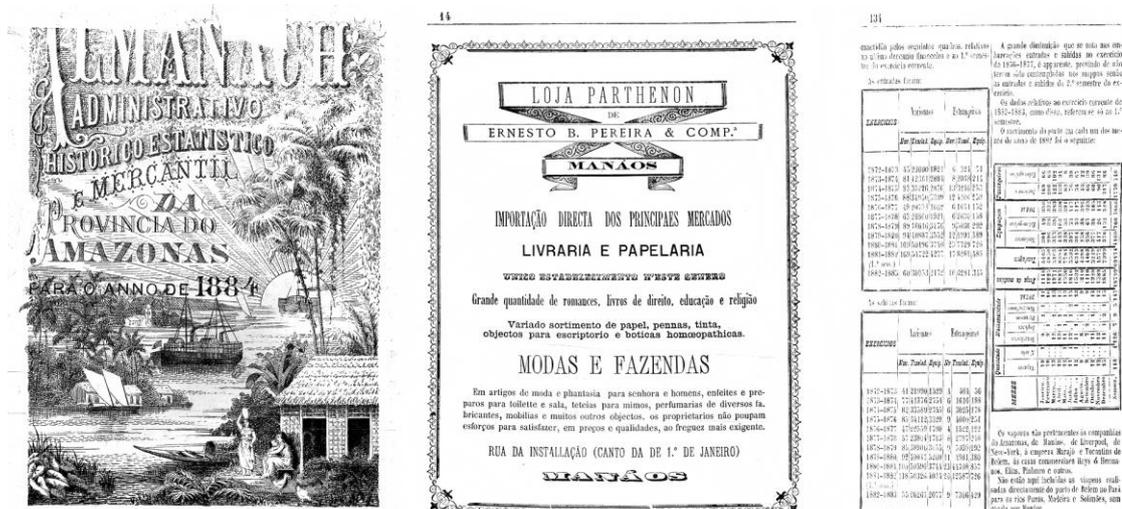
Figura 2: *Almanach* de 1870: página de rosto composto de forma centralizada em diversos tipos e estilos. Ao centro página do calendário do mesmo almanaque, em que há o emprego de vinhetas tipográficas. À esquerda, detalhe de página do terceiro almanaque, de 1874 (usado com a permissão do IHGB e Museu Amazônico, respectivamente).



O editor ainda observa sobre seu público: “Compreende-se perfeitamente as lacunas de que se reveste um trabalho novo como este, e quando não se acha desenvolvido na Província o gosto para esta e outras obras.” Dando a entender que o público leitor ainda era bastante limitado. Este almanaque registra cinco “Typographias” tendo por nome os cinco periódicos também listados: do *Correio de Manaos*, que publicou este almanaque e o do ano seguinte, do *Amazonas*, do *Commercio do Amazonas*, do *Catechista*, da *Reforma Liberal*. No ano seguinte o almanaque de 1871 registra a baixa da Tipografia do Reforma Liberal. Estes dois almanaques mais o de 1874 são graficamente modestos e marcam o início desse tipo de publicação no Amazonas.

O *Almanach administrativo histórico estatístico e mercantil da Provincia do Amazonas para o anno de 1884* foi o quarto publicado, dez anos depois do anterior, e ostenta em seu frontispício uma imagem do grande rio com vegetação, habitações, elementos humanos e embarcações. De baixo para cima avista-se uma canoa, seguido de um barco a vela, depois uma embarcação a vapor e, em posição de destaque, um barco que navega em frente ao sol que parece nascer e estende seu brilho por toda a parte superior da imagem. Essa alegoria talvez reflita os sinais de uma crescente prosperidade e a crença em um futuro brilhante. Eis alguns sinais: em 1867 a navegação no Rio Amazonas foi permitida a embarcações estrangeiras. Em 1878, foi inaugurada a Catedral em homenagem a N. S. da Conceição, segundo Mesquita (2006: 67): “a primeira grande obra arquitetônica construída em Manaus”. Nos anos seguintes outros edifícios foram construídos, firmas comerciais abertas, a população e a instrução formal foram sendo ampliadas. Segundo Santos (1980: 76), ao final da década de 1870 a exploração da borracha já era a principal fonte de riqueza da Amazônia, iniciando um período de prosperidade econômica que se tornará pungente no final do século.

Figura 3: Almanaque de 1884: página de rosto alegórica, anúncio em página inteira da Loja Parthenon, e página da “Parte Mercantil”, composta em duas colunas, com fios e tabelas (usado com a permissão da Biblioteca Nacional).



A publicação inicia com um índice, seguido do editorial intitulado “Aos leitores”, em que se afirma que a publicação de um almanaque se impunha como uma “necessidade impreterível diante do movimento ascensional que a mesma provincia experimenta em seu rápido e seguro caminhar.” Lembra, no mesmo texto, que sua edição só foi possível devido ao capital concedido pela Assembleia Provincial, o que em parte explica o tom otimista do discurso empregado ao “fazer-se propaganda dos largos recursos de que dispõe esta vasta região, os quais são em sua maior parte desconhecidos for e, o que é mais doloroso dizer-se, dentro do paiz.” Após essas explicações a primeira parte inicia com a tradicional folhinha, em que cada mês foi composto em apenas uma página, ímpar, com os dias organizados em duas colunas. Nas páginas pares há a presença de anúncios, como ocorre na página posterior ao mês de dezembro onde se observa a publicidade dos serviços de duas oficinas: uma de encadernação e outra de alfaiataria. Os diversos anúncios apresentam projetos gráficos variados, utilizando fios, cercaduras e outros elementos visuais e retóricos.

A segunda seção deste almanaque é intitulada “Parte Administrativa”, seguida da “Parte Histórica”, a quarta seção se intitula “Parte Estatística” e, além da parte textual, compõe-se de várias tabelas, ora incorporadas à mancha gráfica em páginas inteiras ou desdobradas. A quinta e última seção é a “Parte Mercantil”, que por sua vez se organiza em quatro subseções, a primeira dessas também possui informações em inglês e francês, além do português. Este almanaque registra em suas páginas a presença de três encadernadores, uma livraria, quatro periódicos: *Amazonas*, *Commercio do Amazonas*, *Jornal do Amazonas* e *Rio Madeira*, em Manicoré, no interior do estado. Lista ainda um “photographo”, três “typographias” e vinte e um “typographos”. Trata-se de um artefato bem editado, planejado, impresso e dotado de uma linguagem visual mais complexa que os anteriores. Compõe-se de um considerável volume de

informações, incluindo tabelas e o uso de diversos recursos gráfico-visuais em sua organização para criar ênfases e estabelecer hierarquias de dados.

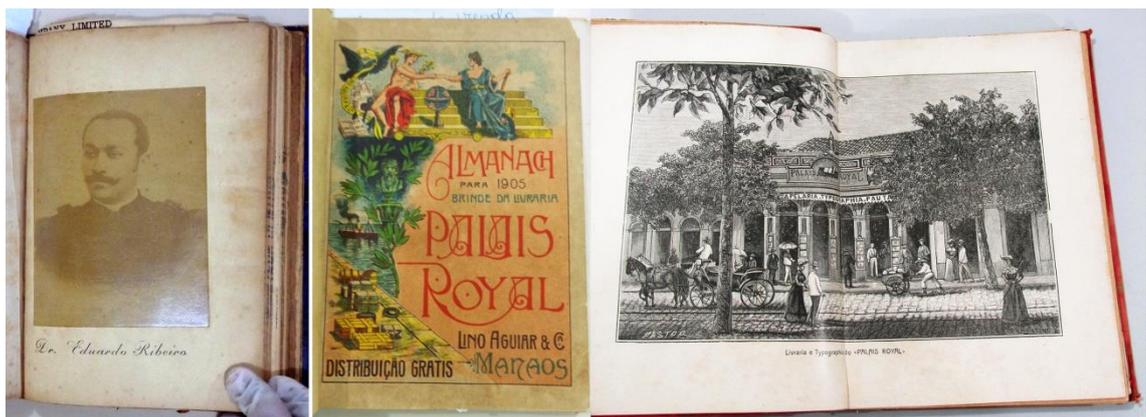
Em 1889 foi publicado o *Almanach Madeirense*, que se refere à região do Rio Madeira, interior do Amazonas. Essa edição salienta o interesse de uma região por se fazer notar, ter as informações de sua comunidade organizadas em uma publicação, além de demonstrar a capacidade financeira para tanto. A edição de 1889, embora produzida por moradores da região, foi impressa na cidade do Porto, em Portugal.

Em 1895 o *Almanach do Amazonas Histórico, administrativo, commercial, estatístico e literário* foi organizado pelo bacharel José Feliciano Augusto d'Athayde e Arthur Cardoso de Oliveira, além de uma grande lista de colaboradores. No breve texto que abre a edição descreve-se a parte literária como “assaz proveitosa, principalmente, para o bello sexo”, em uma clara referência às leitoras deste tipo de publicação. Essa seção era inexistente nos seis almanaques observados anteriormente, informação devidamente destacada em seu título. Seu conteúdo inicia com o um calendário geral com indicações variadas, seguido de outro mensal organizado em duas colunas em uma única página, ímpar. Nas páginas pares tem-se um grande número de anúncios compostos em variados arranjos, com amplo uso de vinhetas tipográficas, fios e outros.

Em seguida há uma parte relativa ao Brasil; a terceira parte trata do Amazonas com uma lista das repartições, cargos e nomes, incluindo a Imprensa Official, inaugurada em 1893. Esta passou a publicar o *Diario Official* e anunciava nas páginas do almanaque que em breve montaria sua oficina litográfica. Quando descreve o Instituto de Artes e Officios há a indicação de uma cadeira de “Dezenho com applicações às Artes. Escultura” e cita ainda uma “Officina de encadernação”, na lista de cursos práticos.

A parte IV tem por título “Commercio, Industrias e Profissões” e registra três jornais na capital: *Amazonas*, *Diario Official* e *A Republica*, e quatro no interior: *Humaythá*, no Rio Madeira; *Labrense* e *Rio Purus*, em Labrea e *Município*, em Itacoatiara. Cita a presença de quatro livrarias, uma oficina de encadernação, duas “Photographias” e cinco Tipografias: Amazonas, Imprensa Official, Lino Aguiar, Republica, Silva & Gomes. Além de 38 tipógrafos registrados nas três “Redacções” dos jornais da capital já citadas. O almanaque de 1896, organizada por Augusto Celso de Menezes, apresenta uma única fotografia do governador Eduardo Ribeiro, fato devidamente registrado na folha de rosto. Apresenta uma parte literária, como o anterior, e um variado número de anúncios.

Figura 4: Foto do governador do Amazonas Eduardo Ribeiro publicada no almanaque de 1896. *Almanach* de 1905 da Livraria Palais Royal: folha de rosto ilustrada a cores e ilustração com imagem da livraria (usado com a permissão do Museu Amazônico).



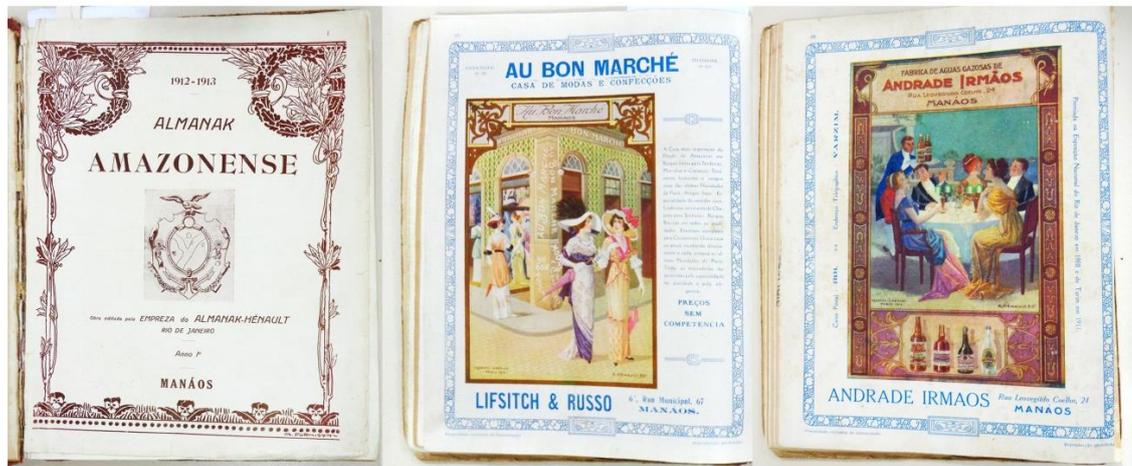
Já no início do século XX foram identificados quatro almanaques produzidos por uma “livraria, papelaria, typographia a vapor e officina de encadernação” de propriedade de Lino Aguiar. Talvez este seja o principal empreendimento gráfico do Amazonas no período, tendo publicado o *Almanach brinde da Livraria Palais Royal* em 1905, 1906, 1907 e 1909. O nome em francês da livraria remete ao luxo e à modernidade de Paris, expediente comum a diversas lojas e empreendimentos da província do Amazonas. Ostenta ainda em muitas peças a informação: “typographia a vapor”, como um indicativo de modernidade.

Estes almanaques brindes são-se em mais do que um simples presente oferecido às “Freguezas e Freguezes” da referida casa comercial. São peças bem acabadas de uma estratégia comercial em que produtos e serviços da Palais Royal estavam sempre à vista de seus leitores/clientes, tanto na forma de profusos anúncios como pela própria qualidade do artefato impresso. Há também anúncios de outras casas comerciais e um amplo emprego de imagens, sejam fotográficas, clichês, vinhetas, além de tipos variados, molduras, fios, encadernados em capa dura.

Os dois primeiros números possuem o tradicional calendário, variadas informações históricas, gerais e vasto conteúdo literário ou recreativo. A edição de 1905 possui um discurso leve apoiado no humor, diferente dos almanaques anteriores, mais sóbrios. Como deixa clara a nota introdutória assinada por Tósca: “Um almanach, embora brinde, sem juízo do anno, é como um terno de roupa com falta de uma peça. E, para fazer um juízo do anno, é prenda indispensável possuir-se anos de juízo e eu, francamente, a respeito d’essa prenda, estou no matto”. A mesma edição apresenta capa colorida [Figura 4] e impressão de seu miolo em duas cores, sempre preto e outra cor, com um vasto arsenal de vinhetas *Art Nouveau*. No ano seguinte saem as cores e entram muitos desenhos humorísticos em suas páginas. Produzido ainda em 1907 e 1909, neste último informa: “Esta oficina acaba de ser reformada com moderno e variado material alemão, e bem assim com aperfeiçoadas maquinas, afim de melhor satisfazer a boa execução de todos os serviços que lhe sejam confiados”.

O *Almanak Amazonense de 1912-13* apresenta grandes diferenças em relação aos anteriores, a maior delas é o fato deste impresso ter sido editado pela empresa Henault, do Rio de Janeiro, com farto e rico material iconográfico. O fato de o almanaque ter sido editado por uma empresa gráfica de outro estado e impressa em outro país, o que não chega a ser um fato inédito, pois vários álbuns iconográficos no fim do século XIX e início do XX, também o foram. A Henault, segundo anúncio publicado no almanaque, era agente de manufaturas estrangeiras, tendo como principais produtos fármacos, perfumaria, tintas, artigos de moda e novidades. Ainda no mesmo anúncio informa ter uma “Seção de publicidade” responsável pela publicação do *Almanak Brasileiro Commercial Ilustrado* e do *Almanak Médico-pharmaceutico do Brasil*.

Figura 5: Folha de rosto do almanaque de 1913 e publicidades coloridas produzidas em Paris (usado com a permissão do Museu Amazônico)



Este almanaque inicia com o calendário dos anos de 1912 e 1913 compostos em apenas uma dupla de páginas cada um, seguido de fotos de obras de arte, vistas de edifícios, muitos estrangeiros, além de algumas personalidades nacionais e informações variadas. Essa primeira parte de generalidades foi impressa em cor ocre sobre papel revestido, o que não ocorre com seção seguinte intitulada “Estado do Amazonas”, impressa em preto sobre papel não revestido. Nesta parte encontramos informações sobre as repartições federais, estaduais e sobre o governo municipal. Em sequência tem-se o “Indicador geral por profissões do Amazonas” e depois há uma farta seção de anúncios. Esse parece ser o principal objetivo do artefato, representar o fausto e riqueza da terra das amazonas. Não apenas informando, mas ilustrando uma vida urbana sofisticada e colorida, para isso faz amplo uso da imagem, tanto fotográfica quando da ilustração. Vários artistas europeus assinam o desenho dos anúncios, dentre eles o

artista parisiense Marcel Lebrum, autor da arte de muitos anúncios publicados pela empresa Henault, do Rio de Janeiro. Nestes tem-se a representação de um estilo de vida burguês tendo a figura feminina como destaque. Também há um grande número de anúncios impressos em uma cor tendo fotos de fachada ou interior das casas comerciais como elemento central.

Na parte intitulada “Indicador Geral pro Profissões do Amazonas”, na seção “Jornais e Revistas” há a indicação de dez periódicos, nove “Livrarias e Papelarias”, quatro “Photographies” e dez “Typographies”. O colofão, composto na última página, informa que a impressão foi realizada em agosto de 1912 pela Societé Générale D’impression, com a colaboração na gravação das páginas em cores da Companhia Arc Engraving, em Paris. Informa ainda que as tintas usadas na impressão são casa Lorilleux e Companhia. Os últimos almanaques identificados, de 1916 e 1927, retratam o fim do ciclo econômico e da ilusão que a economia da borracha propiciou, suas páginas são gráfica e editorialmente modestas.

Ao anotar os dados relativos ao circuito do impresso a partir dos almanaques do Amazonas e compará-los com outros indicadores e trabalhos percebeu-se que eles registraram apenas uma parte deste universo. Muitos periódicos, tipografias, profissionais e outros não foram devidamente listados em suas páginas, ainda assim fornecem um importante instantâneo e um testemunho impresso desse mesmo circuito.

4 Considerações

No conjunto de informações reunido sobre os almanaques do Amazonas buscou-se lançar uma luz de matiz gráfica e editorial sobre um artefato que é uma rica fonte de estudo, e não apenas pelo que nele está escrito e quantificado em suas páginas. Sua materialidade impressa, linguagem visual e organização da informação são igualmente importantes. Pela leitura destas observou-se um maior uso de recursos gráfico- visuais e retóricos para conferir distinção ao que é informado e anunciado. Também por propiciar outra leitura do tempo para além do calendário de suas páginas. As informações foram se diversificando, assim na quarta publicação registrada leu-se um movimento revelador: a sensível redução de páginas dadas ao calendário e um sensível aumento do espaço ocupado pelos anúncios. Junto com estes uma maior ocorrência de imagens, seja na forma de vinhetas tipográficas, ilustrações ou de fotos, principalmente a partir de 1896.

Os almanaques amazonenses, que foram inicialmente uma fonte privilegiada de informações político-administrativa, observam seu corpo sendo tomado por informações literárias e comerciais. Incluindo indicações comerciais, profissionais e anúncios, até tomarem esta publicação, tornando-a, efetivamente, um veículo privilegiado para a publicidade das casas comerciais locais, o que ocorre de forma mais clara nos almanaques do século XX. Inclusive levando essas publicações a se tornarem brindes, como os cuidadosamente produzidos pela Livraria Palais Royal. O nome afrancesado dessa casa comercial, que incluía uma oficina tipográfica e de encadernação, pode ser um indício da eleição de um modelo de modernidade de tom francês. Também observado nas publicidades finalmente elaboradas por artistas europeus no almanaque de 1912-13, impresso em Paris.

Essa incursão pelos almanaques do Amazonas mostrou variadas formas de organizar e visualizar informações, e mais. A imagem, em suas variadas formas e aberturas, tornaram-se canais para expressar uma grande variedade de mensagens, da retórica publicitária do anúncio à imagem artística ou humorística. A mancha gráfica do almanaque se torna mais complexa ao articular texto, imagem e mensagens variadas, exigindo um maior domínio técnico no planejamento de sua realização. Embora em nenhuma das publicações observadas seja dado o crédito aos profissionais responsável pela “arte” ou pela “direção artística” dos almanaques, somente seus editores, oficinas tipográficas, gravadores ou ilustradores mereceram, quando muito, este reconhecimento. Esta é apenas mais uma observação fortuita, como tantas outras, de que os almanaques, e não apenas eles, se nutrem.

Referências

ANDRIES, Lise. Almanaques revolucionando um gênero tradicional. In: *A Revolução Impressa: A Imprensa na França 1775-1800*. São Paulo: Edusp, 1996.

- CARDOSO, Rafael (org.). *O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- CORREIA, J. D. P.; GUERREIRO, M. V. Almanques ou a Sabedoria e as Tarefas do Tempo. In: *Revista ICALP*, vol. 6, p. 43-52. Lisboa: Instituto da Cultura e Língua Portuguesa, 1986.
- FERREIRA, Jerusa Pires. Almanaque. In: *Do Almanak aos Almanques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- FLUSSER, Villém. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- FONSECA, L. P.; GOMES, D. D. & CAMPOS, A. P. Conjunto Metodológico para Pesquisa em História do Design a partir de Materiais Impressos. In: *Infodesign Revista Brasileira de Design da Informação*, v. 13, n. 2, p. 143-161, 2016.
- FREIRE, José Ribamar Bessa; et al. *Cem anos de imprensa no Amazonas: (1851-1950)*, catálogo de jornais. Manaus: Umberto Calderaro, 1990.
- GALVÃO, Rosa Maria. *Os sucessores de Zacuto: o almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil. Sua história*. 2.^a ed. São Paulo: Edusp, 2005.
- LESCHKO, Nadia Miranda; et al. Memória gráfica brasileira: notícias de um campo em construção. In: *Anais do 11.º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*. São Paulo: Blucher, 2014.
- LISBOA, João Luís. Almanques. In: *Os sucessores de Zacuto: o almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002.
- MACAMBIRA, Débora Dias. *Impressões do tempo: Os Almanques no Ceará (1870-1908)*. Dissertação (História Social). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
- MESQUITA, Otoni. *Manaus, história e arquitetura (1852-1910)*. 3.^a ed. rev. Manaus: Editora Valer, 2006
- MEYER, Marlyse (org.). *Do Almanak aos Almanques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- PARK, Margareth Brandini. *Histórias e leituras de almanques no Brasil*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1998.
- PORTA, Frederico. *Dicionário de artes gráficas*. Porto Alegre: Editora O Globo, 1958.
- SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. *História econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.
- SOUZA, Márcio. *A História da Amazônia*. Manaus: Editora Valer, 2009.
- TRIZOTTI, Patrícia Trindade. Almanques: história, contribuições e esquecimento. In: *Dialogus*, vol. 4, n. 1. Ribeirão Preto: Centro Universitário Barão de Mauá, 2008.
- VILLAS-BOAS, André. Sobre Análise gráfica, ou algumas estratégias didáticas para a difusão de um design crítico. In: *Arcos Design 5*. Rio de Janeiro: Esdi/UERJ, 2009.

Nomes dos autores

Rômulo do Nascimento Pereira, doutorando em Design, Esdi/UERJ, Brasil,
romulonascimento@hotmail.com

Washington Dias Lessa, PhD, Esdi/UERJ, Brasil, washington.lessa@gmail.com

Lígia Medeiros, PhD, Esdi/Uerj, Brasil, ligia@esdi.uerj.br